

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA  
ARIANA BATISTA DA SILVA  
(ORGANIZADORES)

# A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

AVANÇOS, LIMITES E CONTRADIÇÕES

3

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA  
ARIANA BATISTA DA SILVA  
(ORGANIZADORES)

# A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

AVANÇOS, LIMITES E CONTRADIÇÕES

3

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora



Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



## A educação enquanto fenômeno social: avanços, limites e contradições 3

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo

**Correção:** Maiara Ferreira

**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga

**Revisão:** Os autores

**Organizadores:** Américo Junior Nunes da Silva  
Ariana Batista da Silva

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 A educação enquanto fenômeno social: avanços, limites e contradições 3 / Organizadores Américo Junior Nunes da Silva, Ariana Batista da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0159-9

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.599222604>

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Silva, Ariana Batista da (Organizadora). III. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

Neste livro, intitulado de **“Educação enquanto Fenômeno Social: avanços, limites e contradições”**, reúnem-se estudos dos mais diversos campos do conhecimento, que se complementam e articulam, constituindo-se enquanto discussões que buscam respostas e ampliado olhar acerca dos diversos problemas que circundam o processo educacional na contemporaneidade, ainda em um cenário de desafios demandados pela Pandemia.

Sabemos que o período pandêmico, como asseverou Cara (2020), escancarou e asseverou desigualdades. Nesse movimento de retomada do processo de ensino e aprendizagem presencial, pelas redes de ensino, o papel de “agente social” desempenhado ao longo do tempo pela Educação passa a ser primordial para o entendimento e enfrentamentos dessa nova realidade, vivenciada na atualidade. Dessa forma, não se pode resumir a função da Educação apenas a transmissão dos “conhecimentos estruturados e acumulados no tempo”. Para além do “ler e escrever, interpretar, contar e ter noção de grandeza” é papel desta, assim como, da escola, enquanto instituição, atentar-se as inquietudes e desafios postos a sociedade, mediante as incontáveis mudanças sociais e culturais (GATTI, 2016, p. 37).

Diante disso, a Educação se consolida como parte importante das sociedades, ao tempo que o “ato de ensinar”, constitui-se num processo de contínuo aperfeiçoamento e transformações, além de ser espaço de resistência, de um contínuo movimento de indignação e esperançar, como sinalizou Freire (2018). No atual contexto educacional, a Educação assume esse lugar “central”, ao transformar-se na mais importante ferramenta para a formação crítica e humana das pessoas, como lugar real de possibilidade de transformação da sociedade.

Destarte, os artigos que compõem essa obra são oriundos das vivências dos autores(as), estudantes, professores(as), pesquisadores(as), especialistas, mestres(as) e/ou doutores(as), e que ao longo de suas práticas pedagógicas, num olhar atento para as problemáticas observadas no contexto educacional, buscam apontar caminhos, possibilidades e/ou soluções para esses entraves. Partindo do aqui exposto, desejamos a todos e a todas uma boa, provocativa e lúdica leitura!

Américo Junior Nunes da Silva  
Ariana Batista da Silva

## REFERÊNCIAS

CARA, Daniel. **Palestra online promovida pela Universidade Federal da Bahia, na mesa de abertura intitulada “Educação: desafios do nosso tempo” do evento Congresso Virtual UFBA 2020**. Disponível em: link: <https://www.youtube.com/watch?v=6w0vELx0EvE>. Acesso em abril 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GATTI, B. A. Questões: professores, escolas e contemporaneidade. In: Marli André (org.). **Práticas Inovadoras na Formação de Professores**. 1ed. Campinas, SP: Papyrus, 2016, p. 35-48.

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

#### EDUCAÇÃO POPULAR: UMA BREVE REFLEXÃO

Gilcéia de Fatima Martins dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5992226041>

### **CAPÍTULO 2..... 7**

#### O LUGAR DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NAS PRODUÇÕES DO PPGED/UESB

Sirlane Freitas Lacerda

Sônia Maria Alves de Oliveira Reis

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5992226042>

### **CAPÍTULO 3..... 18**

#### OLHARES PEDAGÓGICOS DE ESTUDANTES E DOCENTES DO ENSINO BÁSICO SOBRE O POTENCIAL PEDAGÓGICO DOS *STORY MAPS*

Luísa Maria Pinto de Azevedo

Vitor Patrício Rodrigues Ribeiro

Antônio José Osório

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5992226043>

### **CAPÍTULO 4..... 36**

#### A NEUROCIÊNCIA NO PROJETO ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM COLABORATIVA: COMO POTENCIALIZAR A APRENDIZAGEM EM TEMPOS DE DISTANCIAMENTO SOCIAL?

Vinícius Grzechozinski Audino

Maria Thereza Rodrigues de França

Moisés Moreira Lopes

Évilin Diniz Gutierrez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5992226044>

### **CAPÍTULO 5..... 40**

#### LA ENSEÑANZA REMOTA DE EMERGENCIA DURANTE LA CONTINGENCIA SANITARIA Y LAS ACCIONES IMPLEMENTADAS POR INSTITUCIONES DE EDUCACIÓN SUPERIOR EN MÉXICO

Teresa de Jesús Guzmán Acuña

Josefina Guzmán Acuña

Juan Antonio Centeno Quevedo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5992226045>

### **CAPÍTULO 6..... 48**

#### ISOLAMENTO SOCIAL, ENSINO À DISTÂNCIA E SEUS IMPACTOS NO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Bruna Petraroli Barretto

Adriana Fogagnolo Maurício

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5992226046>

|   |            |
|---|------------|
| <b>CAPÍTULO 7</b> .....   | <b>66</b>  |
| EDUCAÇÃO INCLUSIVA E SEUS NOVOS DESAFIOS: UMA EXPERIÊNCIA EDUCACIONAL   |            |
| Rosângela Carvalho dos Santos Mendonça  |            |
|  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.5992226047">https://doi.org/10.22533/at.ed.5992226047</a>     |            |
| <b>CAPÍTULO 8</b> .....   | <b>78</b>  |
| FATORES DE PROTEÇÃO PARA A OBESIDADE NA ADOLESCÊNCIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA   |            |
| Ariane Rodrigues Guimarães de Oliveira  |            |
| Maryana Vieira Rodrigues  |            |
| Luciene Aparecida Muniz   |            |
| Márcia Christina Caetano Romano   |            |
| Alisson Araújo  |            |
|  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.5992226048">https://doi.org/10.22533/at.ed.5992226048</a>     |            |
| <b>CAPÍTULO 9</b> .....   | <b>90</b>  |
| INTERVENÇÕES ARQUIVÍSTICAS NA ARTE DO GRAFITE E A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA SOCIAL POR MEIO DE REPOSITÓRIOS DIGITAIS   |            |
| Alisangela Aparecida da Silva Santos  |            |
| Alexandre Fernal  |            |
| Gustavo Menon Miranda   |            |
|  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.5992226049">https://doi.org/10.22533/at.ed.5992226049</a>     |            |
| <b>CAPÍTULO 10</b> .....  | <b>101</b> |
| O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NA PANDEMIA DA COVID-19: O QUE REVELAM DOCENTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO DISTRITO FEDERAL?  |            |
| Lucineide Alves Batista Lobo  |            |
| Solange Alves de Oliveira-Mendes  |            |
|  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.59922260410">https://doi.org/10.22533/at.ed.59922260410</a> |            |
| <b>CAPÍTULO 11</b> .....  | <b>110</b> |
| POTENCIAL DE APROVEITAMENTO DA URINA GERADA PELOS ALUNOS DO CAMPUS ARACAJU DO IFS   |            |
| Rodrigo Gallotti Lima   |            |
| Carlos Gomes da Silva Júnior  |            |
| Dayana Kelly Araújo Santos  |            |
| Geovane de Mello Azevedo  |            |
|  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.59922260411">https://doi.org/10.22533/at.ed.59922260411</a> |            |
| <b>CAPÍTULO 12</b> .....  | <b>119</b> |
| INSTRUÇÃO POR COLEGAS: UMA EXPERIÊNCIA NO PIBID   |            |
| Romário Lima Santos   |            |
| Celso José Viana-Barbosa  |            |
|  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.59922260412">https://doi.org/10.22533/at.ed.59922260412</a> |            |

**CAPÍTULO 13..... 128**

O PRÍNCIPE SAPO EM LIBRAS: UMA ANÁLISE DOS ASPECTOS CULTURAIS DA PESSOA SURDA

Aline de Fatima da Silva Araújo Frutuoso

Daniela Fidelis Bezerra

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.59922260413>

**CAPÍTULO 14..... 135**

O USO DO SAMBA NO ENSINO DA GEOGRAFIA COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA UM DIÁLOGO ENTRE A CIDADANIA E OS DIREITOS HUMANOS NO ENSINO MÉDIO

Luís Eduardo Santos Araujo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.59922260414>

**CAPÍTULO 15..... 142**

ENTENDENDO O PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO E A IMPORTÂNCIA DA SUA CONSTRUÇÃO COLETIVA

Francysco Pablo Feitosa Gonçalves

Iamara Feitosa Furtado Lucena

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.59922260415>

**CAPÍTULO 16..... 157**

AÇÕES DESENVOLVIDAS PELO PIBID/IF BAIANO SOBRE O DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA NO CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL EM SAÚDE E GESTÃO (CEEP) - GUANAMBI/BA

Lincon Almeida Vilas Boas

Roberval Soares Santos

Sueli Fernandes Guimarães

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.59922260416>

**CAPÍTULO 17..... 165**

PROCESSO DE TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA EM QUIRINÓPOLIS-GO

Eduarda Silva Borges

Edevaldo Aparecido de Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.59922260417>

**CAPÍTULO 18..... 174**

DESAFIOS DAS LIGAS ACADÊMICAS NO PERÍODO EMERGENCIAL: COMO ALCANÇAR A COMUNIDADE DURANTE A PANDEMIA?

Ludimilla Carvalho e Cerqueira Silva

Milena Saleh Lima

Eduardo Gauze Alexandrino

Tainá Fontana Dametto

Thais Kaori Hirase

Bárbara de Pizzol Modesti

Nathalia Campos Palmeira

Rafael Guilet de Deus  
Yasmeen Rahman Avendana Machado  
Rafaela de Sousa Silva  
José Salomão Junior

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.59922260418>

**CAPÍTULO 19..... 179**

**XX SEMANA DO ENGENHEIRO DE PESCA HISTÓRICO E PERSPECTIVAS DA ENGENHARIA DE PESCA**

Ana Carolina da Silva Marques  
Yago Victor Taurino Vilarim  
Adelly Wanessa da Silva  
Caio Vinícius Nunes de Oliveira  
Emerson José da Silva Oliveira  
Fábio Renan Santos  
Genes Fernando Gonçalves Junior  
Gessica Cavalcanti Pereira Mota  
Victória Sincorá Xavier  
Paulo Guilherme Vasconcelos de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.59922260419>

**SOBRE OS ORGANIZADORES ..... 187**

**ÍNDICE REMISSIVO..... 188**

## EDUCAÇÃO INCLUSIVA E SEUS NOVOS DESAFIOS: UMA EXPERIÊNCIA EDUCACIONAL

*Data de aceite: 01/04/2022*

*Data de submissão: 14/02/2022*

### **Rosângela Carvalho dos Santos Mendonça**

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em  
História - Universidade Estadual de Maringá  
PPH/LEM/UEM  
Maringá-Paraná  
<http://lattes.cnpq.br/1409878309556078>

**RESUMO:** A presente produção propõe refletir sobre os novos desafios da educação inclusiva, através da aproximação entre surdo e ouvintes, a partir da experiência da professora em sala de aula, na disciplina de história, no Colégio Estadual Cristóvão Colombo, ensino de 2º grau, em Jardim Alegre, PR, nos anos de 2018 e 2019. Tendo em vista o distanciamento entre os discentes (ouvintes e surdo) numa turma de 2º ano vespertino, na instituição de ensino regular e também a dificuldade de comunicação da professora de história regente com o surdo (aproximação se dava através do intérprete de sinais), a mesma, propõe, mudar a realidade posta. Nesse sentido, buscou-se junto à intérprete de língua de sinais e do colegiado educacional interessado, desenvolver trabalhos interdisciplinares, com o envolvimento direto do coletivo institucional do período vespertino, para realizarem atividades relacionadas aos conteúdos de suas respectivas disciplinas através da Língua Brasileira de Sinais - Libras. Onde os envolvidos passam a estudar os conteúdos

propostos e simultaneamente a língua de sinais, aproximando os e tornando a aprendizagem participativa, produtiva e autônoma.

**PALAVRAS-CHAVE:** História, inclusão educacional; papel do professor, interdisciplinaridade, língua de sinais brasileira.

**ABSTRACT:** This production proposes to reflect on the new challenges of inclusive education, through the approximation between deaf and listeners, from the experience of the teacher in the classroom, in the discipline of history, at the high school Colégio Estadual Cristóvão Colombo, in Jardim Alegre, PR, in the years 2018 and 2019. In view of the distance between the students (hearing and deaf) in a class of 2nd year in the previous year, in the regular educational institution and also the difficulty of communication of the history teacher with the deaf (approximation was through the interpreter of signs), the teacher, proposes, change the reality put. In this sense, we sought to the interpreter of sign language and the educational collegiate interested, to develop interdisciplinary works, with the direct involvement of the institutional collective of the afternoon period, to carry out activities related to the contents of their respective disciplines through the Brazilian Sign Language - Libras. Where those involved begin to study the proposed contents and simultaneously sign language, bringing them closer and making learning participative, productive and autonomous.

**KEYWORDS:** History, educational inclusion; teacher's role, interdisciplinarity, Brazilian sign language.

## 1 | INTRODUÇÃO

*“sem a língua de sinais [...] o surdo não sobrevive na sociedade majoritariamente de ouvintes”* (PERLIN, 1988, 2000; SKLIAR, 1997 apud GESSER, 2009, p. 60).

A professora de história, incomodada com o isolamento vivido pelo aluno surdo, matriculado no 2º ano Ensino Médio, buscou promover a socialização entre ouvintes e surdo (corpo discente e docente), através da língua de sinais brasileira – libras, no Colégio Estadual Cristóvão Colombo, município de Jardim Alegre/PR, no ano de 2018, dando prosseguimento no ano de 2019.

O Colégio Estadual Cristóvão Colombo é formado majoritariamente por alunos ouvintes e por funcionários desprovidos do domínio da Libras. Com exceção do intérprete, o aluno surdo e um professor que ministra aulas de Libras no período diurno para o 4º ano do Curso Formação de Docentes (matutino) e a turma, 2º série C vespertino, do Ensino Médio, em que os alunos passaram a ter introdução a libras em decorrência do projeto promovendo a aproximação e articulação do alunado (surdo e ouvinte).

Focado nesse objetivo, o projeto Inclusão de Surdo x Ouvinte: socialização e relações de aprendizagem, nasceu no início do ano letivo de 2018, com o objetivo de integrar a comunidade institucional através da Língua de sinais – Libras Brasileira, buscando a inclusão sócio educacional dos seus pares, através da apropriação da língua de sinais, estimulando a apreensão do conhecimento da língua de sinais simultâneo aos conteúdos curriculares.

O colegiado educacional buscou conscientizar-se da relevância da formação através da língua de sinais, como facilitador de comunicação, acesso a informação e apoio ao surdo. Para tanto, urgia a apropriação da língua de sinais, por todos que integravam o ambiente escolar viabilizando o acolhimento do surdo e ao mesmo tempo, um canal facilitador no processo educacional. Nesse sentido, pessoas com surdez profunda, exigem disponibilidade de comunicação para a integração entre sujeitos surdos e ouvintes, incorporando metodologias diferenciadas (oral e visual x língua de sinais - Libras Brasileira) e intérprete facilitando a interação social e a aprendizagem.

Para tanto, compreende-se ser indispensável a formação do professor (independente do intérprete de libras), a flexibilidade organizacional através de currículo favorável a inclusão, plano de ação interdisciplinar e profissionais comprometidos em suas diferentes áreas de atuação, desenvolvendo comunicação em libras brasileira, viabilizando interação surdo-ouvinte e a construção do conhecimento.

Com esse propósito

a construção da competência do professor para responder com qualidade às necessidades educacionais de seus alunos em uma escola inclusiva, pela mediação da ética, responde à necessidade social e histórica de superação das práticas pedagógicas que discriminam, segregam e excluem, e, ao mesmo tempo, configura, na ação educativa, o vetor de transformação social

para a equidade, a solidariedade, a cidadania (XAVIER 2002, p. 19, apud PRIETO, 2006, p. 57).

Para viabilizar a solução da problemática levantada, enquanto professora com formação em história e fora do universo da inclusão, mergulhei nas leituras que pudessem me levar a compreender o universo do surdo em benefício de seu aprendizado histórico. Nessa direção me apropriei dos aportes teóricos (referenciados no final desse capítulo) que permitisse desenvolver com consistência cognitiva e metodológica o projeto, afinal me encontrava totalmente leiga no assunto.

Os portes teóricos, somados ao diálogo profícuo com educadores da área de inclusão, somado aos intérpretes de libras brasileira, aliado às visitas a instituições com salas de surdez, nos colocou nos trilhos da inclusão, possibilitando embasamento sólido para escrever o projeto e atuarmos metodologicamente em sala, na referida instituição de ensino.

## **2 | UMA VIAGEM PELA INCLUSÃO E UNIVERSO DO SURDO.**

A leitura atenta, nos permitiu conhecer os avanços conquistados pelo surdo, através de decreto e regulamento oficializando a língua de sinais brasileira garantindo-lhe direito de aprendizagem na sua língua.

Segundo Kumada (2016, p. 15), “no Brasil, a abordagem bilíngue no contexto da surdez é apresentada pela libras como sendo a primeira língua das pessoas surdas e a língua portuguesa como segunda língua”. Ainda nessa perspectiva, evidencia o Brasil, através do “Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, regulamentado pela Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o artigo 18 da Lei nº 10.098, de dezembro de 2000” (BRASIL, 2015, apud KUMADA, 2016, p. 15).

Estudos revelam que o rendimento de surdos “é melhor nas escolas integradoras do que nas instituições de educação especial” (MARCHESI, 2004, p. 191).

Para tanto, compreende-se que a flexibilidade organizacional é imprescindível, através de currículo favorável a inclusão, plano de ação interdisciplinar e profissionais comprometidos em suas diferentes áreas de atuação, com domínio em libras brasileiras. Certamente, esta última, uma lacuna a ser alcançada.

Nesse entendimento, fez-se uso de aulas de criatividade, para além da língua de sinais, o uso de imagens no Power point, desenhos no quadro, gravuras, recorte de filmes entre outros. Discentes, professores coordenadores e funcionários procuraram se comunicar na língua do surdo, ação que promoveu acolhida e relações articuladas. Esse exercício de troca, em que o ouvinte aprendia a falar na língua de sinais com o surdo e a intérprete de libras, com isso a construção do conhecimento curricular florescia mais leve para todos. Segundo Junior (2009, p. 217), a “articulação é um ponto chave, exige do professor sensibilidade, cultura filosófica, social e histórica [...] menos teoria e mais abertura para a

articulação”, promovendo a aprendizagem coletiva.

Destaca Mantoan (2006, p. 23), que os estudantes têm direito à educação adequada a sua capacidade, e garanta convivência respeitosa coletiva. Enquanto a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, no Capítulo V, Da Educação Especial, afirma que o ensino especial se estende a todos os níveis de ensino, garantindo ao estudante a presença de intérpretes e tecnologia assistida no âmbito educacional (BRASIL, 1996).

Segundo Mantoan (2006, p. 25), a “lei assegura o acesso, permanência e prosseguimento do estudos” e as “escolas especiais complementam, e não substituem a escola comum” (p. 26). Complementa Prieto, 2016, p. 40), o “objetivo na inclusão escolar é tornar reconhecida e valorizada a diversidade como condição humana favorecendo a aprendizagem”. Compreende que “a condição do sujeito deve ser apenas uma informação que não pode ser desprezada na elaboração dos planejamentos de ensino.

Há três componentes práticos interdependentes no ensino inclusivo:

O primeiro deles é a rede de apoio, o componente organizacional, que envolve a coordenação de equipes e de indivíduos que apoiam uns aos outros através de conexões formais e informais [...]: grupos de serviços baseados na escola, [...] distrito e parcerias com agência comunitária. O segundo componente é a consulta cooperativa e o trabalho em equipe, o componente de procedimento, que envolve indivíduos de várias especialidades trabalhando junto para planejar e implementar programas para diferentes alunos em ambientes integrados. O terceiro é a aprendizagem cooperativa, o componente do ensino, que está relacionado à criação de uma atmosfera de aprendizagem em sala de aula em que os alunos com vários interesses e habilidades podem atingir seu potencial (STAINBACK e STAINBACK Apud PRIETO, 2006, p. 43).

A concepção sobre educação inclusiva é marcada por significados diversos: aos que não querem mudanças, reorganização do sistema educacional. A bandeira da inclusão traz práticas e conjecturas distintas e divergentes (MENDES, 2002 apud PRIETO, 2006).

Segundo a Unesco (1994), o princípio orientador da Declaração de Salamanca e Enquadramento da Ação, a educação escolar deve se adequar a todas as crianças e jovens, independentemente das suas condições físicas, sociais, linguísticas, culturais, etnias, origens, entre outras, que vivem à margem da sociedade (deficiências e ou dificuldades escolares). Nesse entendimento as instituições de ensino terão que encontrar caminhos e soluções para facilitar o aprendizado e potencialidades individuais (diferenças), aprimorando o conceito de escola inclusiva. A mesma Declaração (1994, p. 07), rechaça a afirmação que na educação ‘uma medida serve para todos’, e reitera a urgência de uma escola que atenda às diferenças humanas, adaptadas às necessidades do aluno e não a condições pré-determinadas (UNESCO, 1994).

O documento aludi ainda, que

todas as pessoas com deficiência têm o direito de expressar os seus desejos em relação à sua educação. Os pais têm o direito inerente de ser consultados sobre a forma de educação que melhor se adapte às necessidades,

circunstâncias e aspirações dos seus filhos (UNESCO, 1994, p. 05).

Inclusão e participação é essencial ao exercício dos direitos humanos no campo da educação, desenvolvendo estratégias de ação, que priorize a igualdade de oportunidades, independente das dificuldades e diferenças que a sua clientela apresente. As instituições de ensino urgem de flexibilidade e versatilidade de seus conteúdos, adaptando-os aos estilos e ritmos de aprendizagem, relacionando-os as experiências de seus alunos, motivando-os e garantindo a aprendizagem a todos (UNESCO, 1994).

A educação inclusiva grita por mudanças no “currículo, instalações, organização escolar, pedagogia, avaliação, pessoal, ética escolar e atividades extraescolares” (UNESCO, 1994, p. 21). Preconiza-se a “inclusão escolar como componente de inclusão social, num contexto histórico e social em que estamos constantemente ameaçados pela expansão da exclusão econômica e social” (PRIETO, 2006, p. 66).

Nesse sentido o homem se organiza e levanta contra todo empecilho que dificulte ou ignore as suas prioridades existenciais.

### 3 | ORIGEM DA LÍNGUA DE SINAIS E ESCOLA PARA SURDOS

*“A surdez como problema é uma construção do mundo ouvinte”* (Wilcox & Wilcox, 1997 apud GESSER, 2009, p. 63)

A língua de sinais é tão antiga quanto a origem ancestral do homem, utilizando as mãos para se comunicar. A Língua de sinais são “línguas naturais tão humanas quanto as demais e que não se limitam a um código restrito de transposição das letras do alfabeto” (GESSER, 2009, p. 07). Segundo a mesma autora “abre dois mundos desconhecidos entre si: o do surdo em relação ao mundo ouvinte e o do ouvinte em relação ao mundo surdo (p. 10).

A Libras Brasileira é considerada a língua de pessoas surdas no Brasil. Os “9 milhões de pessoas identificadas com alguma dificuldade de ouvir pelo censo demográfico de 2010 (IBGE, 2010), nem todos conhecem e utilizam a Libras como meio de comunicação” (KUMADA, 2016, p. 07). Destaca a mesma autora, que crianças surdas aprendem mais rápido a língua de sinais (2016).

A trajetória da compreensão e aceitação do surdo, é muito divergente nas diferentes partes do globo, sendo fruto de luta e persistência para serem respeitados como pessoas aptas a estruturarem uma forma de comunicação.

Os egípcios acreditavam que os surdos, em decorrência da comunicação por sinais, eram capazes de transmitir mensagens dos deuses ao faraó. Os gregos valorizavam o físico e a oratória, condenavam os surdos a morte. Em Roma, crianças surdas eram lançadas ao Rio Tibre. Somente no século VI, com código de Justiniano, os surdos que oralizassem poderiam receber herança, casar e ter propriedade (CARVALHO, 2007 apud KUMADA, 2016).

A partir da idade média a Igreja Católica, passou a acolher os surdos, tendo direito sobre todos os seus bens. Nesse sentido passou a ser responsável pela sua educação baseada na leitura, escrita e por meio de sinais, embora houvesse aqueles que admitiam apenas a oralidade como método de ensino. Os espanhóis e franceses também se preocuparam com a instrução de surdos. Os primeiros sinais (alfabeto manual para surdos), foi inspirado em sinais utilizados pelos monges beneditinos. Os sinais criados na Europa na década de 1960, apresentam semelhanças com a atual língua de sinais brasileiras (libras) (KUMADA, 2016). Somente em “1960, foi conferida à língua de sinais o *status* linguístico” (GESSER, 2009, p. 09).

No processo começa a haver divergência entre as formas de ensinar (oralidade x língua de sinais) levando os surdos a optarem por uma ou outra forma de comunicação e ou utilizando as duas simultaneamente.

A figura mais representativa do método visual foi certamente o abade francês Charles Michel de L'Épée (1712-1789), cuja contribuição impar propiciou a transição do modelo de ensino individual, restrito aos filhos de nobres, para o ensino coletivo e público por meio da língua de sinais francesa. Durante o século XVIII, os alunos surdos do Abade L'Épée, se tornaram educadores, e por sua vez multiplicadores do método visual, fundando escolas em diversas partes do mundo, inclusive no Brasil (LANE, 1984 apud KUMADA, 2016, p.13).

A língua brasileira de sinais tem sua origem na língua francesa. Em 1855 o Imperador D. Pedro II cria a primeira escola de surdos brasileira em apoio ao surdo francês Ernest Huet. Em 1957 foi fundado o INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos no Rio de Janeiro, um centro de referência de surdos (GESSER, 2009).

Na década de 1980, a comunidade de pessoas surdas se uniram para reivindicar direitos de serem educados na língua de sinais. Dessa manifestação nasceu uma nova proposta de ensino para surdos: o bilinguismo (a língua de sinais considerada a primeira língua dos surdos e a língua escrita, a segunda) (KUMADA, 2016).

O reconhecimento da língua de sinais através Lei nº 10.436, em 2002, regulamentada pelo decreto de nº 5.626, em 2005, garante intérprete em espaços institucionais em que as pessoas não falam línguas. Portanto “escolas, universidades, repartições públicas, tribunais, hospitais e outros devem atender essa população específica assegurando-lhe o seu direito linguístico de ser assistido em sua própria língua” (GESSER, 2009, p. 47).

A Declaração de Salamanca, no capítulo II, Diretrizes da Educação a Nível Nacional ao tratar sobre política educação destaca que

as políticas educativas devem ter em conta as diferenças individuais e as situações distintas. A importância da linguagem gestual como o meio de comunicação entre os surdos, por exemplo, deverá ser reconhecida, e garantir-se-á que os surdos tenham acesso à educação na linguagem gestual do seu país. Devido às necessidades particulares dos surdos e dos surdos/cegos, é possível que a sua educação possa ser ministrada de forma mais adequada em escolas especiais ou em unidades ou classes especiais nas

escolas regulares (UNESCO, 1994, p. 18).

O surdo desenvolve suas habilidades cognitivas e linguísticas desde que seja assegurado o uso da língua de sinais em todos os âmbitos sociais em que transitam. O acesso à prática da língua de sinais auxilia na construção do conhecimento e no fortalecimento da identidade e da cultura do surdo (GESSER, 2009).

É necessário incorporar ao currículo os conteúdos próprios da linguagem manual e relacioná-los com os objetivos próprios da área. [...] deve-se considerar que as crianças surdas têm de aprender elementos comunicativos e linguísticos que seus colegas ouvintes adquiriram de forma espontânea e aos quais não se dá atenção no ensino regular (MARCHESI, 2004, p. 190).

Estudiosos constataam “70 tipos de surdez hereditária. O grau de surdez pode variar de leve a profundo” GESSER, 2009, p. 72). No entanto qualquer pessoa pode ser cometida pela surdez (acidentes, doenças ou velhice), levando-a a buscar a língua de sinais como uma das formas de comunicação.

Os surdos usuários da Libras, em sua grande maioria, preferem ser chamados de surdos e não de deficientes (KUMADA, 2016, p. 27). Nesse entendimento evidencia Gesser (2009, p. 22), “os surdos são fisiologicamente e psicologicamente normais: aqueles que têm o seu aparato vocal intacto (que nada tem a ver com a perda auditiva, podem ser oralizados e falarem a língua oral se assim desejarem”.

O livro de Myklebust (1964 apud Marchesi, 2004, p. 181), sobre a psicologia do surdo apresenta a tese de que o desenvolvimento da inteligência de surdos é diferente da dos ouvintes. O principal dado em que se baseia é que seu pensamento está mais vinculado ao concreto e apresenta mais dificuldades para a reflexão abstrata.

Os sinais podem ser “agressivos, diplomáticos, poéticos, filosóficos, matemáticos: tudo pode ser expresso por meio dos sinais, sem perda nenhuma de conteúdo” (LABORRIT apud GESSER, 2009, p. 23).

A língua é um fenômeno convencional mantido por um “acordo coletivo tácito” entre os falantes de uma determinada comunidade (SAUSSURE, 1995 apud GESSER, 2009, p. 24). A língua de sinais tem “uma gramática própria e se apresenta estruturada em todos os níveis, [...] podemos encontrar nela [...] produtividade/criatividade, a flexibilidade, a descontinuidade e a arbitrariedade (GESSER, 2009, p. 27). Ainda o mesmo autor (p. 38), a “origem da LIBRAS está ligada ao processo de escolarização dos surdos”. Nenhuma língua é uniforme e homogênea, nesse sentido a língua é dinâmica e sofre mudanças (GESSER, 2009).

A avaliação do processo escolar deve analisar todos os aspectos que incidem no processo de aprendizagem dos alunos surdos. Em primeiro lugar, deve-se verificar o tipo de comunicação que se estabelece com o professor e com os colegas. É preciso saber se o modo de comunicação utilizado favorece os intercâmbios comunicativos e se permite que a criança surda tenha fácil acesso às aprendizagens escolares. [...] é importante levar em conta a

necessidade de interação da pessoa surda com outros colegas ou com outras pessoas surdas (MARCHESI, 2004, p. 186).

A presença do intérprete de libras não é suficiente para garantir o sucesso escolar dos aprendizes surdos, haja visto que dependerá do professor da sala de aula (KUMADA, 2016, p.78). Portanto, o professor regente é relevante no processo de instrução da sua área específica para que o aluno atinja o desenvolvimento cognitivo e autônomo com a participação indispensável da intérprete de libras durante todo o processo de construção do saber.

## 4 | O PROJETO NO CHÃO DA ESCOLA

*“O professor não decide sua ação no vazio, mas no contexto da realidade de um local de trabalho, numa instituição”* (SACRISTÁN, 1991, p.166).

O Colégio Cristovam Colombo, recebe a primeira intérprete, juntamente com a chegada do primeiro aluno surdo em sala regular, na turma de 1º ano do curso Ensino Médio, no ano de 2017. Neste ano o aluno caminhou bem, estava com a intérprete que o acompanhou por 04 anos consecutivos e iria iniciar o quinto.

No ano seguinte, ocorreram mudanças, uma nova intérprete assume o posto, o surdo apresenta uma conduta de isolamento da turma de ouvinte e esta para com o mesmo. Esse novo desenho de contexto imprimiu a necessidade de alterar de rota de voo educacional ao qual me propus. Preocupada, sai para tomar um ar no corredor da sala. De repente um *insigt*. Pensei: Vou propor um projeto! E assim o fiz.

A viabilidade do projeto se formalizou com o envolvimento interdisciplinar das disciplinas Artes, Biologia, Português, História, Química, Matemática e a participação dos professores das respectivas disciplinas e do indispensável intérprete de libras.

Afirma Sacristán (1991, p.166), “os espaços escolares são lugares de reconstrução do conhecimento e da prática [...] desenvolvem sua ação dentro dos espaços de autonomia, ainda que seja mínima”. Nesse sentido, a partir do aprofundamento teórico sobre surdez e inclusão, projeto pronto, os professores envolvidos se confabularam em reuniões, e buscaram dinamizar suas aulas: estabeleceu-se comunicação inicial básica, através da língua de sinais (comprimento, oração e outros); inicia-se a pré alfabetização de ouvintes (discentes e colegiado educacional) na língua de sinais; após estudos os alunos nomeiam os espaços da escola com desenhos na língua de sinais, confeccionados pelos aluno da turma; cada disciplina passou a trabalhar os conceitos da temática de sala de aula em suas respectivas disciplinas na língua de sinais; todos os envolvidos buscavam se comunicar com o surdo através da libra; os alunos da turma participaram do encontro de surdos na APASUR – Associação de Pais e Amigos dos Surdos e Deficientes Auditivos, Cegos e Deficientes Visuais do Centro do Paraná, em Ivaiporã, uma vez por ano; os discentes do período vespertino participaram de eventos e palestras envolvendo diferentes temáticas,

com comunicador surdo ou ouvinte e intérprete da língua de sinais.

O coletivo educacional se uniu, em prol da socialização relacional e comunicacional em sala de aula bem como institucional, em favor da socialização e comunicação na língua de sinais e simultaneamente construção do conhecimento, aproximando surdo e ouvintes. Nessa direção, afirma Vasconcelos (1993, p. 51), “a proposta de trabalho do professor deverá ser significativa para o educando, sendo esta uma condição para a elaboração do conhecimento”, enquanto para Maria Auxiliador Schmidt (2005), destaca que a sala de aula é um espaço onde a relação de interlocutores constroem sentidos num espaço de tensões no qual se relacionam teoria e prática, ensino e pesquisa.

[...] a articulação entre elementos constitutivos do fazer histórico e do fazer pedagógico. [...] o objetivo é fazer com que o conhecimento histórico seja ensinado de tal forma que dê ao aluno condições de participar do processo do fazer, do construir a História. Que o aluno possa entender que a apropriação do conhecimento é uma atividade em que se retorna ao próprio processo de elaboração do conhecimento (SCHMIDT, 2005, p. 59).

A adesão ao projeto pelos professores das disciplinas já citadas, juntamente com a equipe pedagógica e diretiva, enfim do colegiado institucional, deram impulso ao projeto alcançando os resultados previstos, com socialização de discentes, comunicação bilíngue entre surdo e ouvintes e construção do conhecimento interdisciplinar.

## **5 | NASCIMENTO DO SEMINÁRIO DE SURDOS E OUVINTES, NO VALE DO IVAÍ, EM JARDIM ALEGRE**

O projeto ganhou corpo, adesão e envolvimento das turmas do período vespertino, participação e interação da equipe diretiva pedagógica e parte do corpo docente das disciplinas já nomeadas. O comprometimento coletivo viabilizou a comunicação entre surdo e ouvintes da instituição, transformando o espaço educacional de aprendizagem.

O trabalho ganhou repercussão, chegando ao conhecimento do Núcleo Regional de Educação de Ivaiporã, PR, que estimulou a realização de seminário, o qual nasceu, paralelo ao projeto escolar. Em 10 de outubro 2018 ocorre oficialmente o Primeiro Seminário de Surdos e ouvintes do Vale do Ivaí, e o Segundo no mesmo, em 2019, promovido pela professora Rosângela Carvalho dos Santos Mendonça, juntamente com o Colégio Estadual Cristóvão Colombo e o respaldo do núcleo Regional de Educação e certificado pela UNIVALE – Faculdades Integradas do Vale do Ivaí – Ivaiporã, PR.

Os seminários contaram com a participação de professores, intérprete de libras, alunos do 2º C Ensino Médio, do curso Formação docente, Sala de Recursos Multifuncional/Área da surdez, acadêmicos (surdos e ouvintes), e outros.

O seminário integrou a proposta do projeto interdisciplinar de **“Inclusão de Surdos e Ouvintes: Socialização e Relações de Aprendizagem”**, em desenvolvimento no Colégio Estadual Cristóvão Colombo Ensino Médio, Normal e Profissional, iniciado no ano de 2018,

em decorrência de aproximar surdos e ouvintes.

Do projeto no chão da escola, emerge o seminário de surdos e ouvintes, que busca dar visibilidade à questão da surdez em educação e simultaneamente esclarecer aos participantes, da necessidade de compreender o mundo do surdo, conhecendo as causas da surdez, seus direitos e urgências educacionais e de trabalho. Independente da área de formação, o professor deve buscar formação, aprofundamento teórico e apoio profissional para orientar com maior eficiência e qualidade o seu alunado sem distinção independente das suas limitações.

Nesse sentido o seminário propõe reflexões sobre a relevância em desenvolver uma consciência sobre a inclusão da diversidade e formação, buscando facilitar a comunicação, acesso a informação e apoio ao surdo. Compreende-se que, pessoas com surdez profunda, exigem disponibilidade de comunicação para a integração surdos e ouvintes, incorporando metodologias diferenciadas (oral e visual x Língua Brasileira de Sinais - Libras) facilitando a interação social e aprendizagem.

Os palestrantes (surdo e ouvintes) do referido evento, abordaram temas distintos, para reflexão e debate dos frequentadores. Em decorrência das diferentes idades e grau de formação do público participante houve preocupação da equipe organizadora, pela dinamicidade e criatividade dos palestrantes visando o estímulo e a comunicação na língua de sinais entre os presentes.

Os alunos da turma do projeto, participaram da confecção de cartazes identificando os espaços do evento através da língua de sinais, recepcionaram os inscritos, fizeram o social no salão de entrada tirando fotos e conversando com os surdos e também ouvintes, abriram o evento cantando o hino do município de Jardim Alegre, na língua de sinais

Atendendo o protocolo de inclusão de surdo, para cada palestrante surdo, um intérprete ouvinte e para cada ouvinte, um intérprete surdo e assim prosseguiu até o término do evento.

O projeto foi executado com a participação econômica das instituições de ensinos em que seus alunos e funcionários se fizeram presente no evento, disponibilizando alimentação e funcionários para auxiliar na limpeza do local e preparo dos alimentos disponibilizados a custo zero aos participantes. O salão paroquial (local do evento), foi cedido a educação sem exigência de cifras e os palestrantes convidados realizaram gratuitamente suas comunicações.

## **6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O projeto no chão da escola favoreceu aos discentes, colegiado educacional e equipe diretiva nos seguintes aspectos: alfabetizou os participantes para comunicação na língua de sinais brasileira – libras; alunos adquiriram fluidez na comunicação da língua de sinais brasileira; abriu caminhos para a socialização e potencializou a comunicação entre

ouvintes e surdo e vice versa; favoreceu a construção do conhecimento.

Constata-se também, a desconstrução de mitos sobre o processo de inclusão em benefício da formação dos diferentes sujeitos que integram a instituição de ensino e a sociedade local.

Os professores resistentes a inclusão, a partir de novas sugestões de leituras, reflexões, discussões e participação nos seminários, mudaram seu posicionamento em relação ao seu papel enquanto educador e o processo inclusivo.

O projeto alavancou despertando interesses da comunidade local e regional – o Vale do Ivaí, por meio da participação no seminários propalando reflexões sobre a inclusão do surdo entre outros, a partir das temáticas apresentadas e debatida, bem como a mudança de postura social e política em assegurar direitos constitucionais de aprendizagem e acessibilidade educacional.

A problemática leva o educador a se comprometer, buscando parcerias sem perder de foco, o senso de humanidade solidária e a aprendizagem pautado na construção do conhecimento crítico, independente da sua área de atuação. Afinal a escola ainda é um lugar frequentado por gente carregada de emoções.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Capítulo V, Da Educação Especial. Disponível em: < <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578-publicacaooriginal-1-pl.html#:~:text=Estabelece%20as%20diretrizes%20e%20bases%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20nacional.&text=%C2%A7%201%C2%BA%20Esta%20Lei%20disciplina,trabalho%20e%20a%20pr%C3%A1tica%20social>>. Acesso em: 20 de jan. de 2022.

GESSER, Audrei. **Libras?: Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

JRUNIOR, Paulo Ghiraldelli. **História da Educação Brasileira.** Cortez: São Paulo, 2009.

KUMADA, Kate Mamhy Oliveira. **Libras – Língua brasileira de sinais.** Londrina: Educacional, 2016.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. **Igualdade e diferenças na escola: como andar no fio da navalha.** Valéria Amorim Arantes (Org.) Inclusão escolar: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus. 2006.

MARCHESI, Álvaro. **Desenvolvimento e educação das crianças surdas.** COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús (Org.) Trad. Fatima Murad – 2ª ed. Desenvolvimento psicológico e educação. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PRIETO, Rosângela Gavioli. **Atendimento escolar de alunos com necessidades educacionais especiais: um olhar sobre as políticas públicas de educação no Brasil.** Valéria Amorim Arantes (Org.) Inclusão escolar: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus. 2006.

SACRISTÁN, J. Cimenó. **O Currículo Uma reflexão sobre a prática.** Artmed Porto Alegre. 1991

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **A formação do professor de História e o cotidiano da Sala de Aula.** In Bittencourt, Circe (Org.). O saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2005.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e enquadramento da ação:** Na área das necessidades educativas especiais. Conferência mundial sobre necessidades educativas especiais: acesso e qualidade. Salamanca, Espanha: Unesco, 1994.

VASCONCELOS, Celso Dos Santos. **Construção do Conhecimento em Sala de Aula.** São Paulo. Libertd, 1993.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Afrodescendente 157, 161

Águas amarelas 110, 112, 113

Alfabetização 3, 73, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 187

Aprendizado 36, 37, 38, 39, 68, 69, 109, 119, 126, 127, 151, 160, 167, 175

Aprendizagem significativa 12, 107, 119, 120, 127

Arte do grafite 90, 91, 92, 94, 95, 97, 98

### C

Cidadania 3, 29, 68, 135, 136, 149, 158

Coletividade 1, 5, 146

Consciência Negra 157, 159, 160, 162, 163, 164

Construção coletiva 142, 143, 146, 151, 153, 154, 156, 164

Cultura 2, 68, 72, 91, 94, 95, 96, 97, 128, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 139, 140, 141, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 168, 171, 187

Currículo 7, 8, 9, 22, 32, 67, 68, 70, 72, 76, 120, 139, 140, 147, 175

### D

Depressão 49, 51, 58, 62, 63

### E

Eco saneamento 110

Educação especial 7, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 68, 69, 76

Educação popular 1, 2, 3, 4, 5, 6

Engenharia de pesca 179, 180, 181, 182, 183, 186

Enseñanza remota de emergencia 40, 41, 42, 47

Ensino 7, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 37, 48, 50, 56, 57, 59, 61, 63, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 76, 101, 102, 105, 107, 108, 109, 112, 113, 114, 119, 120, 121, 122, 123, 126, 127, 128, 135, 139, 140, 141, 142, 144, 146, 147, 148, 149, 152, 153, 155, 160, 163, 170, 172, 174, 175, 178, 181, 187

Ensino-aprendizagem 18, 20, 21, 22, 25, 26, 27, 32, 108, 155

Ensino básico 18, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 172

Ensino remoto 50, 101

Escola 5, 6, 11, 15, 16, 23, 24, 28, 32, 48, 63, 67, 69, 70, 71, 73, 75, 76, 101, 102, 105, 107, 108, 119, 123, 131, 139, 140, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 163, 171, 173, 184, 185

Estudantes universitários 49, 50, 55, 58, 61, 62, 63

Evento 75, 94, 95, 99, 160, 163, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185

## **G**

Geografia 4, 6, 18, 19, 23, 29, 30, 32, 34, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 165, 166, 171, 172, 182

## **H**

História 2, 3, 6, 21, 23, 29, 30, 32, 66, 67, 68, 73, 74, 76, 77, 83, 92, 108, 129, 130, 134, 136, 140, 144, 159, 160, 163, 170

## **I**

Inclusão 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 32, 66, 67, 68, 69, 70, 73, 74, 75, 76, 80, 81, 82, 132, 139, 150, 160, 166, 184

Inclusão educacional 66

Instituciones de educación superior 40, 41, 43, 46, 47

Instrução por colegas 119, 120, 121, 122, 124

Integração 13, 18, 22, 23, 28, 32, 33, 67, 75, 96, 108, 135, 137, 145, 180

Interação social 67, 75, 96, 119, 121, 124

Interdisciplinaridade 29, 66, 139

Isolamento social 48, 49, 56, 57, 60, 62, 63, 102, 165, 167, 175

## **L**

Letramento 101, 102, 103, 104, 106, 187

Língua de sinais brasileira 66, 67, 68, 75

Literatura visual 128, 129, 130, 132

## **M**

Memória social 90, 91, 94, 98

Monitoria 36

## **N**

Neurociência 36, 37, 38

Novas tecnologias de informação geográfica 18, 20, 23, 33

## **O**

Oportunidade 24, 33, 84, 152, 154, 180, 183

O Príncipe Sapo 128, 129, 131, 132, 133

## **P**

Pandemia 1, 2, 4, 5, 36, 37, 43, 44, 46, 48, 49, 50, 51, 62, 65, 101, 102, 103, 105, 107, 108, 165, 167, 168, 174, 175, 178

Papel do professor 66

Preservação 90, 93, 98, 166, 169, 171

Projeto político-pedagógico 142, 143, 145, 146, 147, 149, 152, 154, 155, 156

## **R**

Repositórios digitais 90, 98

## **S**

Saberes populares 1

Saneamento sustentável 110

## **T**

Tradução 99, 108, 128, 129, 130, 131, 132, 144, 145, 149, 150

## **U**

Urina humana 110, 112, 117

# A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

AVANÇOS, LIMITES E CONTRADIÇÕES

3

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

AVANÇOS, LIMITES E CONTRADIÇÕES

3

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)